

Disputa entre falo e fala em A hora da estrela, de Clarice Lispector

Dispute between the phallus and the speech in The hour of the star, by Clarice Lispector

Aída Maria Jorge Ribeiro*

A dominação de gênero está nas formas do cotidiano. Em meio às nossas atividades mais triviais, a situação privilegiada do homem aparece como algo natural, desde o salário inferior concedido à mulher por trabalho igual a regras morais severas abrigadas atrás de “doces” normas que dizem o que convém ou não a uma “dama” ou a uma “moça de bem.” Este artigo pretende observar de que modo o corpo feminino está frequentemente associado a visões de imperfeição e subalternidade sociais, partindo da análise sobre a escolha da voz narrativa do livro *A hora da estrela* (1977), da escritora Clarice Lispector.

Gender domination is present in everyday life. Amid our most trivial activities, the privileged situation of men seem to be something natural, from the lower salary granted to women for equal work to strict moral rules sheltered behind "sweet" standards that say what a "lady" or a "nice girl" should or should not do. Based on an analysis on the choice of the narrative voice in the book The hour of the Star (1977), by Clarice Lispector, this article aims to observe the way the female body is often associated with visions of social inadequacy and inferiority.

Palavras-chave: História. Corpo. Gênero. Literatura Brasileira.

Keywords: History. Body. Gender. Brazilian literature.

Este artigo pretende observar de que modo o corpo feminino está frequentemente associado a visões de imperfeição e subalternidade sociais, partindo da análise sobre a escolha da voz narrativa do livro *A hora da estrela* (1998), da escritora Clarice Lispector, escrito em 1977.

A dominação de gênero está nas formas do cotidiano. Em meio às nossas atividades mais triviais, a situação privilegiada do homem aparece como algo natural, desde o salário inferior concedido à mulher por trabalho igual a regras morais severas abrigadas atrás de “doces” normas que dizem o que convém ou não a uma “dama” ou a uma “moça de bem” (ALMEIDA; SAFFIOTTI, 1995, p.3). O conceito de gênero foi criado com a finalidade de deslocar o foco das relações entre os homens e mulheres para o social, antes concebidas no âmbito biológico, por conseguinte tidas como naturais.

Bourdieu (1999, p.17) ressalta que a divisão entre os sexos, ao fazer parte da “ordem das coisas”, inscreve-se na estrutura objetiva e nos esquemas cognitivos do meio social, fazendo com que percebamos como “natural” a dominação masculina.

* Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal Fluminense - Campus Campos Guarus, Campos dos Goytacazes/RJ - Brasil

O paradoxo está no fato de que são as diferenças visíveis entre o corpo feminino e o corpo masculino que, sendo percebidas e construídas segundo os esquemas práticos da visão androcêntrica, tornam-se o penhor mais perfeitamente indiscutível de significações e valores que estão de acordo com os princípios desta visão: não é o falo (ou a falta de) que é o fundamento dessa visão de mundo, e sim essa visão de mundo que, estando organizada segundo a divisão em gêneros relacionais, masculino e feminino, pode instituir o falo, constituído em símbolo da virilidade, de ponto de honra caracteristicamente masculino; e instituir a diferença entre os corpos biológicos em fundamento objetivos da diferença entre os sexos, no sentido de gêneros construídos como duas essências sociais hierarquizadas. (BOURDIEU, 1999, p.18).

Sendo o discurso o primeiro passo para a estruturação do poder, o corpo feminino passa a ser um território em permanente disputa. Sobre ele se inscrevem múltiplos discursos – vindos de variados universos, médico, legal, psicológico, biológico, artístico etc. – que não apenas falam desse corpo, mas que também o constituem, uma vez que estabelecem padrões, sexualidade, reprodução, higiene. A questão é que esses lugares legítimos de enunciação ainda são ocupados, predominantemente, por homens. A dificuldade surge porque, mesmo que sejam sensíveis aos problemas femininos e solidários (e nem sempre o são), os homens nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, verão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente.

Na literatura, como reflexo do social, isso não é diferente. Segundo pesquisas realizadas na Universidade de Brasília (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 13-71) – que se debruçaram sobre todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras da área (Companhia das Letras, Record e Rocco) nos últimos 15 anos – as autoras não chegam a 30% do total de escritores editados. O que se reflete, também, na sub-representação das mulheres como personagens em nossa ficção. As mesmas pesquisas mostram que menos de 40% das personagens são do sexo feminino. Além de serem minoritárias nos romances, as mulheres também têm menos acesso à “voz”, isto é, à posição de narradoras, e estão menos presentes como protagonistas das histórias. Um fato bastante conhecido da literatura é a timidez da fala feminina ou sua tendência ao silêncio público, o que contribui para sua invisibilidade. A experiência feminina no espaço social faz com que a mulher se “especialize” na fala doméstica e interpessoal e tenha dificuldade em dominar a fala pública e impessoal.

Sempre foi muito difícil para a academia aceitar os estudos feministas como uma abordagem de análise literária. Uma das formas de estudar a mulher na literatura foi (e ainda é) através dos escritos dos homens, única voz considerada autorizada a fazer arte, até porque se acreditava que o gênio artístico guardava uma porção divina da qual as mulheres não faziam parte, pelo menos na condição de criadoras. No máximo, chegavam a ser musas inspiradoras, como, por exemplo, no início do século XIX com o Romantismo.

A historiografia literária no Ocidente sempre foi uma atividade reconhecidamente

masculina, mas isso não impediu que as mulheres escrevessem. Elas apenas não eram lidas, no entanto conseguiam furar o cerco, fazendo uso dos pseudônimos. Quem poderia imaginar que George Sand era o nome de Amandine-Aurore-Lucile Dupin ou que George Eliot era o nome de Mary Ann Evans, todas escritoras do século XIX?

A crítica literária feminista percebeu que o patriarcado, com seus valores centralizados no poder do homem, estava em toda parte, por isso ela tratou de responder como os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres, atualizados a partir da visão burguesa, excluíam as mulheres de algumas atividades, principalmente as que cuidavam do desenvolvimento do espírito, do intelecto; atividades que lhes trariam liberdade de pensar, de escolher, de discernir, que possibilitariam outros avanços a partir de uma postura independente e que certamente lhes trariam mais opções de se realizarem como pessoas, de viverem as emoções, os sonhos e as possibilidades oferecidas pela vida.

Ao observar a sociedade cabila, Bourdieu (1999) percebe que a socialização diferenciada entre os meninos e as meninas contribui para a manutenção das relações sociais de dominação e exploração que são instituídas entre os gêneros. Os homens são educados para o público, para o exterior, e as mulheres devem ser responsáveis por todos os trabalhos relacionados à esfera do privado. Essa divisão de tarefas é encarada pelos indivíduos como instituída na ordem das coisas, o que faz com que as mulheres incorporem a dominação ao pensarem que essas práticas, por serem naturais, não podem e não devem ser modificadas. Segundo o autor:

(...) a divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos hábitos dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (BOURDIEU, 1999, p.14).

Clarice Lispector nasceu em Tchechelnik (Ucrânia), em 1920. Na tenra idade, viveu durante dois anos na cidade de Maceió, no estado de Alagoas e, em seguida, até os seus 12 anos, na cidade de Recife, capital do estado do Pernambuco. A linguagem da escritora, considerada introspectiva e intimista, despertou o interesse da crítica, gerando uma imensa gama de interpretações e reflexões acerca de seu estilo narrativo; de questões filosófico-existencialistas e da representação do universo feminino em suas obras. Clarice inverte, portanto, a “ordem natural das coisas” e publica diversos escritos que colocam a mulher no espaço público; perfis femininos fortes e marcantes em nossa Literatura.

Clarice decide, às portas da morte, tentar algo novo. Ao invés de apresentar sua longa galeria de narradoras e protagonistas femininas, em *A hora da estrela*, romance lançado no ano de sua morte, 1977, temos um homem tentando narrar a vida e a morte de uma pobre migrante nordestina no Rio de Janeiro. O falo tenta dominar a fala.

Clarice que se identificava, entre outras coisas, como nordestina, teve a ideia do livro enquanto passeava com uma amiga em um centro de cultura nordestino. Podemos até entender porque ela, também nordestina e migrante, embora escritora e bem-sucedida, tenha decidido, ao seu próprio e peculiaríssimo modo, dar continuidade à tradição do romance regionalista de denúncia e contar as agruras de uma pobre migrante nordestina na cidade grande. Mas por que um narrador masculino?

Na Dedicatória, a autora deixa claro que se converterá em um ser fictício, Rodrigo S.M., como se fosse outra faceta de sua personalidade, o que não compromete a consciência de sua individualidade. Talvez Clarice tenha optado por se tornar um narrador masculino para poder ser mais agressiva e menos sentimental - conforme o senso comum acredita - o que caracterizaria uma ironia da autora em relação à condição da mulher na sociedade, vista, normalmente, como um ser frágil e piegas:

(...) também eu não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas. (LISPECTOR, 1998, p. 14).

Assim, por meio do recurso digressivo, a autora busca dialogar com o leitor, despertando nesse papel mais ativo, que é o de compartilhar a culpa que ela sente e a responsabilidade que tem para com a injustiça social e a alienação simbolizadas por Macabéa.

Se em outras obras de Lispector, considerada uma escritora que valoriza os perfis femininos, a mulher aparece representada como protagonista da história e sempre com seus conflitos interiores, não conseguindo se expressar e nem fazer valer suas vontades que ficam retidas em um universo imaginário, nessa obra, a autora tenta se livrar da introspecção, através do narrador Rodrigo S.M - já que ao homem é dado o direito de se expressar - criando um novo modo de narrar em contraposição a seus hábitos. Lispector inventa Rodrigo e cria a personagem *Macabéa* que será revelada aos poucos, como uma mulher feia, raquítica, sem cultura, alienada, excluída do mundo e de si mesma; há, dessa forma, a construção de uma identidade feminina altamente estereotipada. Percebamos que a caracterização da personagem é composta de elementos corporais que denigrem a sua imagem e fazem com que ela se construa como um ser marginalizado socialmente. Assim:

As ideias sobre o corpo, sua força e sua fraqueza correspondem às ideias vigentes sobre a força e a fraqueza da sociedade. A forma como o corpo físico é percebido está relacionada com o corpo social: a experiência física do corpo sustenta uma visão particular da sociedade, de modo que há um contínuo intercâmbio de significados entre essas duas classes de experiência corporal. (MANNARELLI, 1997, p.199).

Transgredindo novamente o modelo de narrativa mais usual no cânone literário, a autora intimista e psicológica desloca seus leitores para a mais profunda investigação do

abismo interior de seus personagens. Essa personagem feminina em questão não terá conflitos interiores, ao contrário de outras mulheres representadas em outros textos de Clarice.

Macabéa será representada como um ser feminino, vítima de uma repressão cultural recorrente de sua infância vivida no sertão de Alagoas. Essa personagem pertence à classe dos marginalizados, que para a sociedade carioca da década de 70 e inclusive para o narrador Rodrigo S.M vai ser o estranho, o outro. Assim, Macabéa é descrita como uma mulher excluída do contexto social, ela não se reconhece na grande cidade capitalista em que vive, não sabe quem é, e tão pouco se interroga sobre sua vida, como o próprio narrador a define: “vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável.” (LISPECTOR, 1998, p.29).

É pela voz do narrador Rodrigo que acontece uma busca pela identidade que vai sendo construída aos poucos, uma identidade fragmentada que vai se moldando entre os questionamentos e as dúvidas do narrador-escritor em relação à vida e à a palavra “literatura” deve ser mantida em função de manutenção do que se quer expor literatura. Por meio de uma linguagem simples que contrapõe seus hábitos é que a nordestina ganha forma. Um estereótipo de uma migrante nordestina que traz no rosto um sentimento de perdição, uma personagem feminina descrita de maneira transgressora, desestabilizando estereótipos de outras mulheres representadas nas obras do cânone literário, pois Macabéa não apenas seguirá o código ideológico referente ao papel da mulher na sociedade, como também representará tudo o que há de feio, desagradável, disforme, indecoroso e indecente na sociedade. Assim, ela fará parte da classe dos marginalizados e excluídos.

Segundo Bakhtin, a compreensão de que a existência ocupa lugar na fronteira do “eu” com o “outro” determina o caráter social da vida humana, que se realiza através da linguagem. Portanto, a linguagem é um instrumento de interação social, visto que:

[...] a palavra penetra literalmente em todas relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. (BAKHTIN, 1997, p. 41).

Dessa concepção de linguagem, que percebe a palavra permeando toda e qualquer atividade humana, Bakhtin (1997) retira o seu conceito básico de dialogismo, isto é, a relação de sentido que ocorre entre dois enunciados, cada um deles social e ideologicamente situado.

Escrito em 1977, esse romance configura-se num período de expansão e desenvolvimento em termos mundiais e um alargamento do movimento feminista. Entretanto, no Brasil, ainda permanecia um período de repressão causado pela ditadura militar. Diante desse contexto, é possível ver Macabéa como uma representante das mulheres que não eram vistas nem ouvidas num país que se encontrava ainda sobre o

ranço do patriarcalismo e o agravante da ditadura.

No desenrolar da trama, Rodrigo narra o momento em que Macabéa recebe o aviso de que seria despedida por seu chefe. Esse momento parece despertar o “eu” adormecido da personagem, pois, logo após o comunicado, a jovem sente a necessidade de isolamento, numa tentativa de encontrar-se, de descobrir-se face ao posicionamento do chefe.

Em *A Dominação Masculina*, Pierre Bourdieu (1999) estabelece a dominação de gênero no centro da economia das trocas simbólicas. Na sua análise, está presente a constatação de que esta prática está corporificada, fazendo vítimas tanto a mulheres quanto a homens. O corpo é, portanto, o lugar onde se inscrevem as disputas pelo poder, é nele que o nosso capital cultural está inscrito, é ele a nossa primeira forma de identificação desde que nascemos – somos homens ou mulheres. Por conseguinte, o nosso sexo define se seremos dominados ou dominadores. O corpo é a materialização da dominação, é o “locus” do exercício do poder por excelência.

A consequência de tais representações sociais engendradas pelo capital simbólico é o quase consenso de que a mulher é o ser menos capaz, o sexo frágil que precisa a todo tempo de um protetor; além disso, ainda hoje relegada a seu papel de reprodutora, enquanto a virilidade e os atributos considerados masculinos como forte e protetor são preferidos em detrimento daqueles concebidos como “feminino”, sendo considerados naturalmente superiores. Assim, o homem é a norma, partindo deste pressuposto as construções simbólicas. É dado que o que é simbólico avança para o político e passa a ser a realidade objetivada. Em outras palavras, a idealização objetivada torna-se subjetiva por meio das instituições formadoras de consciência que fornecem o nosso modo de viver a realidade, como se esta fosse formada por uma unidade de sentindo inquestionável.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a ‘domesticação dos dominados’ (BOURDIEU, 1999, p. 11).

Observa-se, nessa passagem de Clarice, abaixo, a primeira tentativa da busca de identidade de Macabéa: após receber o aviso de demissão, ela tenta se ver colóqui “ver-se” devido às normas de colocação pronominal diante do espelho, mas sua imagem parece deformada, sua existência some, ela tem a ilusão de não se refletir no espelho, imagina que ela tenha desaparecido, pois, até então, ela própria não sabia quem era. Seu emprego de datilógrafa era o único ponto de apoio entre seus mundos interior e exterior. Sua imagem no espelho aparece de forma fragmentada e sem definição, seu corpo é seu reflexo social:

Olhou-se maquinalmente ao espelho que encimava a pia imunda e rachada, cheia de cabelos, o que tanto combinava com sua vida. Pareceu-lhe que o espelho baço e escurecido não refletia imagem alguma. Sumira por acaso a sua existência física? Logo depois passou a ilusão e enxergou a cara toda deformada pelo espelho ordinário, o nariz tornado enorme como o de um palhaço de papelão. Olhou-se e levemente pensou: tão jovem e já com ferrugem. (LISPECTOR, 1998, p. 25).

O narrador-autor criado por Clarice Lispector é falocêntrico – característica perceptível em vários trechos da obra, mas, sobretudo quando estabelece diferenciações entre Macabéa e o nordestino Olímpico, namorado dela–:

É que a vida lhe era tão insossa que nem pão velho sem manteiga. Enquanto Olímpico era um diabo premiado e vital e dele nasceriam filhos, ele tinha o precioso sêmen. E como já foi dito ou não foi dito Macabéa tinha ovários murchos como um cogumelo cozido (Idem, p.58-59)

E sexista– *porque uma mulher choraria piegas* (Idem, 1998, p.14) – e deseja relatar friamente a história de uma nordestina perdida na cidade grande – *Não, não quero ter sentimentalismo e é possível cortar? Faz parte da citação, portanto, vou cortar o coitado implícito dessa moça.* (Idem, 1998, p. 46).

O narrador-autor se sente colocado “sente-se” devido às normas de colocação pronominal. na obrigação de explicitar ao mundo a miserabilidade da vida de uma nordestina, vida que representa uma coletividade, uma multidão de nordestinos perdidos pelas ruas das grandes metrópoles em busca de uma vida melhor.

Mostrar o retrato da feminilidade e da condição da mulher na vida urbana e intelectual, sempre foi uma das lutas de Clarice Lispector. Delinear esse retrato configura-se também como exercício de autoconhecimento que se atravessa e se embarça com o ato de criar e de escrever. Ao decidir publicar uma história sobre a pobreza social, cultural e mental de uma mulher, diante de um autor-narrador homem – figura em quem estão projetadas as amarguras do ato de escrever – Clarice Lispector revela a perda de ilusão contida no trabalho intelectual. Esse traço de desalento que Clarice Lispector revela é comum aos escritores contemporâneos. Mas, assume para a escritora um caráter pessoal trágico. Primeiramente, porque Clarice Lispector é uma escritora e, depois, porque está diante da própria morte. Acometida por câncer e meditando sobre seu próprio fim de vida, Clarice Lispector leva a personagem, o narrador e a si própria ao abismo final.

Tirando todas as máscaras, *A hora da estrela* repensará, ainda, a relação entre o masculino e o feminino, já trabalhada em outros livros. Estilo e visão de mundo paradoxais entre homem e mulher fazem parte de conceitos arquetípicos da cultura patriarcal, dentro da qual sempre se acomodaram os escritos de Clarice Lispector.

A escolha do foco narrativo representa, de maneira formal, a mesma relação simbólica entre a identidade masculina e a feminina. Depois de investigar e construir em toda obra o perfil da feminilidade, a escritora passa a desconstruí-lo perante o homem (o narrador) e sob a pseudo-responsabilidade dele. Vista como projeção do homem, a mulher é narrada como sua extensão, o que lembra Eva saída da costela de Adão. Lispector retira Macabéa do imaginário de Rodrigo, como se a mulher fosse, afinal, produto e construção do pensamento a palavra “masculino” seria importante aqui para enfatizar o imaginário do narrador Rodrigo masculino. Mais uma vez, o discurso funcionando como o primeiro passo para a estruturação do poder.

O problema da representação do outro (e, mais ainda, da voz do outro) é sempre complexo. Como um autor masculino pode escrever como se fosse mulher? (lembrando que tal fato ocorria com frequência na Idade Média, quando da produção das Cantigas de Amigo). Como um autor jovem pode narrar como se fosse velho? Como pode um autor culto narrar como se fosse inculto?

Ao incorporar a figura do narrador Rodrigo S.M., *A hora da estrela* deixa de ser somente a história de uma migrante nordestina, pobre, no Rio de Janeiro, para tornar-se a história de um escritor culto, urbano, sofisticado, carioca (embora nascido no nordeste), tentando entender e articular a voz de uma nordestina pobre no Rio de Janeiro. Clarice resolve seu dilema, jogando-o nas costas de outro: toda a distância que ela, mulher culta, cosmopolita, viajada, literata e poliglota, sentia de Macabéa torna-se, agora, a distância entre Rodrigo S.M. e Macabéa, permitindo que Clarice assuma uma “inocente e desinteressada” posição de observadora da complexa relação entre os dois. Talvez, cansada de lutar contra a “natureza”, Clarice reafirme, assim, o “poder simbólico” oferecido aos homens; eles têm voz social, serão ouvidos. Talvez, tenha sido essa uma tentativa de afronta: homens, assumam, portanto, suas responsabilidades.

Durante séculos, a mulher foi predestinada e vista como objeto a ser “lapidado” e moldado para obedecer ao que era pregado pela Igreja, pelo Estado e pela Medicina para satisfazer as expectativas dos pais e, posteriormente, do marido, que era escolhido por sua família. Vontade própria e demonstração real de sentimentos eram aspectos a serem ocultados.

Esse contexto sócio-histórico-cultural sofre pouca alteração ao longo dos séculos, mas com o advento do cinema, após a década de 50, o comportamento feminino começa a ser modificado: as moças passam a espelhar suas atitudes nas que eram apresentadas pelas telas, o que é considerado então como uma afronta aos bons costumes. Outro fator contribuinte para a alteração social foi a propagação da literatura no país. Folhetins, jornais e revistas, apesar de tratarem dos mesmos assuntos relativos à educação praticada na época, trouxeram certo desconforto aos lares, pois tudo o que era lido pelas moças precisava ser, antes, policiado para que, da mesma forma que o cinema, não subvertesse o comportamento até então idealizado.

As mudanças mais visíveis e que serviram como trampolim para a situação

da mulher nos dias de hoje se deram a partir da década de 60, com os movimentos feministas, cujas trajetórias já eram bem definidos na Europa e Estados Unidos. Tais movimentos começam a influenciar a sociedade brasileira, pois tinham como bandeira a reivindicação pela igualdade dos direitos femininos em relação aos masculinos. Com isso, a mulher passou a buscar espaço no mercado de trabalho, refutando a ideia de que seu único campo de atuação seria o lar, onde desempenhava as “funções” de esposa, mãe e dona de casa.

Sob tal perspectiva de leitura, Macabéa, a personagem do breve romance intitulado *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, constitui um ponto-chave, pois encarna, no seu estado de miserabilidade da identidade pessoal e social, grande parte das mulheres no Brasil. Sem acesso a qualquer bem de produção, essa personagem nordestina parte do sertão de Alagoas para uma grande capital, a cidade do Rio de Janeiro, onde não tem condição de construir uma história, já que, à margem dos trilhos que direcionam os acontecimentos, a personagem vive da cultura de massa: sobras dispensadas pelos outros, os que têm. Por isso, resta-lhe apenas, por exemplo, a beleza rosada de outra mulher, Marilyn Monroe, em foto recortada de página de revista velha que ela prega na parede do seu quarto sujo de pensão.

No entanto, vive em estado de pureza. Não tem noção nenhuma a respeito do mundo desumano que a cerca. E o que bem poderia ser, noutra contexto de obra, uma “má consciência”, é, neste romance, um estado de humanismo latente. Macabéa vive um estado de condição humana utópica, que desconcerta o leitor: é ao mesmo tempo (sem saber que estava sendo) um pouco cômica e trágica, mas, ao mesmo tempo, eficiente luz de consciência crítica.

Essa moça vive como milhões de outras moças pobres e anônimas da cidade grande. Até que é atropelada e morre. E, justamente, logo depois que a cartomante lhe anunciara, mentirosamente, a realização de um sonho – o casamento com um rico e belo rapaz alemão. O detalhe de construção da cena fica por conta da contundente ironia de Clarice Lispector: Macabéa é atropelada justamente por um Mercedes Benz... Nessa hora da morte, caída na sarjeta da rua, lugar simbólico, aliás, de onde nunca saiu, Macabéa tem seu único momento de brilho e glória: a morte. É a sua hora da estrela. Em vida, o corpo que possuía, raquítico, sem possibilidade de procriação, nunca a fez sequer ser notada socialmente; na morte, o corpo grotesco, sujo, em forma de estrela de quatro pontas, aberto, “masculinizado” transforma-se no centro das atenções – *O lugar das mulheres na sociedade é determinado pelos seus corpos*. (MANNARELLI, 1997, p. 203).

A autora Clarice Lispector e a personagem Macabéa encarnam uma situação típica de impasse da mulher brasileira. Encontram-se numa encruzilhada de opções diante do que um “destino de mulher” lhes confere e do que a prática de um determinado olhar feminista revê, seja da perspectiva ingênua e naturalmente humanizada, como em Macabéa, seja da perspectiva lucidamente desconstrutiva, como em Clarice, embora a autora tenha sempre negado tal procedimento como compromisso de vinculação

política. De qualquer forma, ambas se encontram num momento crítico da história do contexto de vida da mulher no Brasil, promovido por preconceituosas e injustas desigualdades sociais, pela consideração das diferenças de sexo e pelas múltiplas implicações das questões de gênero, problematizadas no corpo mesmo da representação ou construção simbólica, sob a forma da metalinguagem em arte literária.

O feminino de Clarice cria o masculino de Rodrigo que, por sua vez, cria o neutro de Macabéa, que não se descobre socialmente localizado: marginal, não é mulher nem homem, é coisa - *Mas a pessoa de quem lhe falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem, inócua, não faz falta a ninguém.* (LISPECTOR, 1998, p.13). Mas sobrevive, apesar de tudo e de todos, emitindo, na voz fraca e na morte na sarjeta, o grito mudo de reivindicação de um lugar onde possa sonhar – e se casar com o loiro estrangeiro, bonito e rico – ser alguém reconhecido e respeitado socialmente. Enfim, onde possa tornar-se sujeito de uma história, até então manipulada pelos outros donos do saber, inclusive pelo seu proprietário intelectual, o escritor, que vive às custas dessa personagem que não pode viver ao seu lado, numa sociedade onde ele também, poderoso, vive escrevendo, criando e...matando Macabéas.

Até essa Hora de Estrela, a Mulher teve de percorrer um longo e doloroso caminho. O grito de Macabéa na sua hora de agonia e morte, quando conquista a grandeza da existência num contexto adverso, representa o grito de toda uma história da mulher na sociedade.

Referências

- ALMEIDA, Suely S., SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Violência de gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAKHTHIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan. *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, s/d.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo (1990-2004). *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, 2005.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MANNARELLI, Maria Emma. Medicina, sociedade e corpo feminino: Lima, 1900-1930. In: Costa, Albertina de Oliveira (Org.). *Direitos tardios: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas: Editora 34, 1997.

PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (Org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992.

RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e Igreja católica*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992.

Artigo recebido em: 07 set. 2013

Aceito para publicação em: 18 out. 2013